

## APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ HISTÓRIA E LITERATURA: APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS

Anna Coelho<sup>1</sup>   
André Furtado<sup>2</sup> 

*“By such examples taught, I paint the cot,  
As truth will paint it, and as bards will not”*

No trecho em epígrafe do poema intitulado *The village* (1783), de autoria do inglês George Crabbe (1754-1832), descortina-se um contraste, segundo os especialistas e seus intérpretes, entre as formas de representação de uma narrativa bucólica da Antiguidade, do Neoclassicismo e de sua própria escrita, pois “Tal como manda a verdade”, diz a passagem – conforme a nossa tradução livre – “eu retrato os campos e não como cantam os bardos em seus cantos”. Ou seja, para o poeta, de certa forma seu texto figura como alegoria de um determinado tempo e espaço, de acordo com os estudos de Raymond Williams (1921-1988) sobre as literaturas do campo e da cidade, quase antecipando, portanto, algumas das premissas básicas que, posteriormente àquele século, seriam firmadas e, hoje, acham-se ainda perenes junto ao ofício de historiador(a). Assim, o presente Dossiê, na trilha do poema setecentista, propõe-se a refletir sobre as possibilidades do estabelecimento de laços entre a História e a Literatura, atento às suas aproximações e diferenças que emergem, paulatinamente, seja à boca pequena ou com mais estardalhaço, feito porta-vozes de cada época, dando a ler ao mundo as suas conexões.

Por isso, buscamos reunir trabalhos que pudessem discutir as relações da emergência da figura-autor com os escritos que são materializados, para debater aspectos tais como os trânsitos – nacionais ou internacionais – da cultura escrita, as apropriações ou economias de leituras, além das práticas letradas, de circulação e recepção de impressos literários. E, por outro lado, visamos igualmente coligir textos que versem e problematizem a historicidade de contos, poesias, crônicas, romances, peças de teatro, coleções, projetos editoriais etc., considerando textos ficcionais provenientes dos mais variados estilos e condições sociais de produção.

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Federal do Pará – UFPA e professora da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA).

<sup>2</sup> Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF, com estágio na École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS, e professor da UNIFESSPA).

Como se sabe, ao menos desde fins da década de 1960, o chamado *Linguistic turn* era municiado e composto, entre outras referências, por ensaios como *A morte do autor* (1968), de Roland Barthes (1915-1980), que pode ter motivado a realização da conferência, na Sociedade Francesa de Filosofia, das reflexões de *O que é um autor?* (1969), de Michel Foucault (1926-1984). Este último se firmou como marco na agenda ocidental da Escrita da História de então ao defender que o essencial não era constatar o desaparecimento da figura autoral, mas descobrir os locais onde sua função era ou prosseguia sendo exercida. Alguns anos mais tarde, apareceria talvez a mais foucaultiana de todas as teses, *A ordem do discurso* (1971), como Aula Inaugural do Collège de France, cuja observação da realidade sinalizava que a constituição de quaisquer dispositivos discursivos é controlada, selecionada e organizada para tentar dominar seu acontecimento aleatório e se livrar de sua pesada e, sobretudo, temível materialidade.

Dois decênios se passariam até que *A ordem dos livros* (1992), de Roger Chartier, viesse incrementar o debate – muito distante de um viés pós-moderno –, ao apontar a necessidade de investigação do conjunto de hierarquias e convenções que traçam, continuamente, as fronteiras entre os objetos de estudos históricos legítimos e os que não o são e, logo, acham-se excluídos ou censurados. Mais do que isso: o historiador Chartier argumenta que todo discurso, para se efetivar, depende de suportes para existir, circular, serem lidos e apropriados mediante o estabelecimento de complexas relações engendradas por agentes e instituições que os legitimam e os conferem sentido, viabilizando ou não a emergência da função-autor que é, num só tempo, dependente e reprimido de um cem número de configurações.

Neste sentido, as formas de autoria que permeiam o conjunto de artigos integrantes do Dossiê *História e Literatura: aproximações e diferenças*, foram organizados por nós, coordenadores da proposta, segundo critérios que os dividiu em duas partes: a primeira denominada *Originalidade compartilhada*, composta por estudos de autoria solo (se é que se pode assim intitular quaisquer produção letrada / intelectual, sempre marcada por uma dimensão coletiva de reflexões); e a segunda nomeada *Compartilhamento de originalidades* (sequenciada pelos textos assinados por mais de duas mãos, em literais coautorias). Além disso, convém sublinhar que um outro parâmetro que buscamos adotar diz respeito à nossa tentativa de considerar, para cada seção, um ordenamento cronológico no tocante ao conteúdo dos textos submetidos, avaliados e, enfim, aprovados.

Assim, *Originalidade compartilhada* reúne seis artigos: iniciamos com a pesquisa acerca das *Cartas de Erasmo ao Imperador sobre a emancipação: José de Alencar e o cultivo da dependência entre senhores e escravizados*, de Cristina Ferreira, Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Professora da Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). Depois temos o estudo sobre *Anna Howarth e as guerras das fronteiras: literatura, Lei de Terras e colonialismo em “Sword and Assegai” (África do Sul, década de 1890)*, de Evander Ruthieri Saturno da Silva, Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

Na sequência há o texto *“Os livros sujos brotam como cogumelos”*: *cultura impressa e obscenidade no Brasil (1880-1900)*, de Érika Natasha Cardoso, Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Pesquisadora do Núcleo de Estudos Contemporâneos (NEC) da mesma instituição. Em quarto lugar inserimos o artigo denominado *Trajetórias de um clássico: autorias, edições e leituras do “Pavão misterioso”*, de Antonio Helonis Borges Brandão, Doutor em História pela citada UFF e Professor da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE). Logo em seguida, acha-se o trabalho *“A palavra é o meu domínio sobre o mundo”*: *circulação e recepção da obra de Clarice Lispector em Portugal*, de Natália de Santanna Guerellus, também Doutora em História pela UFF e Professora da Université Jean Moulin – Lyon III, França.

Por fim, mas não menos importante – até porque fecha a primeira parte igualmente em grande estilo –, há o estudo intitulado *Guimarães Rosa, leitor de Simões Lopes Neto: práticas de leitura e afinidades histórico-literária*, de Jocelito Zalla, Doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Professor do Colégio de Aplicação e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A segunda parte, *Compartilhamento de originalidades*, também com seis artigos, é aberta com as *Vozes da Amazônia na trilha de Spix e Martius*, de Willi Bolle – Doutor em Literatura pela Ruhr-Universität Bochum, Alemanha, e Professor Titular Sênior da Universidade de São Paulo (USP), em coautoria com Eckhard Kupfer – Graduado em Literatura pela Universität Stuttgart, Alemanha, e Diretor do Instituto Martius-Staden. Ato contínuo, passamos aos *Diálogos entre a História da Educação e Literatura: a Escola Normal no romance “A normalista”*, de Adolfo Caminha (1893), de Caio Corrêa Derossi – Mestre em Educação pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), feito a quatro mãos, com Joana D’arc Germano Hollerbach – Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Professora da referida UFRJ. A terceira

pesquisa, intitulada *História e Literatura: Jorge Amado e seus escritos literários nos anos 30*, é assinada por Rafaela Mendes da Silva – Mestranda Interdisciplinar em História e Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Professora da Secretaria Municipal de Educação, em Quixeramobim (CE), que divide sua originalidade com Francisco Wilton Moreira dos Santos – Doutorando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e Professor do Colégio de Educação Básica Luiz Albuquerque, em Senador Pompeu (CE).

Na sequência, chegamos ao texto denominado *Nos rastros da memória: uma revisitação da Guerra de Canudos pelo olhar de Vargas Llosa*, de Solange Regina da Silva – Mestranda em Letras / Teoria da Literatura pelo Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com Isis de Paula Oliveira de Albuquerque – Mestranda em Letras pela citada UFPE e Professora do Espaço Tereza Albuquerque, em Recife (PE), que se somam ainda a Brenda Carlos de Andrade – Doutora em Letras / Teoria da Literatura pela UFPE e Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). O Dossiê é finalizado com as *Narrativas de mulheres sobre o passado da América: da exclusão histórica ao protagonismo ficcional*, de Amanda Maria Elsner Matheus – Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), com Gilmei Francisco Fleck – Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Professor da UNIOESTE, que se juntam ainda à Tatiane Cristina Becher – Doutoranda em Letras pela UNIOESTE, que é a terceira autoria responsável pelo artigo.

A Seção Livre conta com o estudo sobre as *Estratégias de ensino e aprendizagem para surdos no Ensino Superior*, de Joelaini Martins dos Reis Brasil – Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com Taise Gomes dos Santos Cá – Mestre em Políticas Públicas e Gestão Educacional pela UFSM, Tradutora e Intérprete de Língua de Sinais da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), e Silvia Maria de Oliveira Pavão – Doutora em Educação pela Universidad Autónoma de Barcelona, Espanha, e Professora da UFMS.

O número fecha com um retorno ao Dossiê *História e Literatura: aproximações e diferenças*, pois nós, os coordenadores da proposta, inserimos uma entrevista que nos foi concedida no dia 07 de maio do ano corrente, pelo historiador Sidney Chalhoub – Doutor em História pela já mencionada UNICAMP, onde atuou por décadas e na qual permanece como Professor Titular Colaborador, encontrando-se igualmente, hoje, na condição de Professor do Departamento de História da Harvard University, nos Estados Unidos. Especialista em História do Brasil no século XIX, com publicações em temas

como a História do Rio de Janeiro, a abolição, a escravidão, a saúde pública, as epidemias e a literatura, suas atenções se voltaram nos últimos anos para a obra de Machado de Assis (1839-1908).

Na entrevista, Kivia Pires Rosa, então graduanda do Curso de História – Campus Xinguara –, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), juntou-se a nós e, posteriormente, transcreveu o encontro com nossas orientações e revisões, como parte de suas atividades enquanto bolsista do Programa de Monitoria Geral de 2021 (edital 20/2020), fomentado pela Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROEG) e da Diretoria de Planejamento e Projetos Educacionais (DPROJ) da UNIFESSPA, onde é estudante membra dos laboratórios *História, Memória e Natureza na Amazônia* (HiMeNA), que liderou a atividade, e do *Centro de Estudos em Teorias da História e Historiografias* (CETHAS).

Amplamente conhecido e reconhecido, Chalhoub ingressa na presente publicação como um forte registro que completa a excelente edição do periódico de forma eloquente. Número este, aliás, que reúne – como se pode observar em nossa rápida descrição – estudantes, professores e pesquisadores de Norte a Sul e Leste a Oeste do Brasil (somando autorias oriundas de oito estados do país), sem falar das inserções estrangeiras (na Europa e no referido EUA) e que, se levarmos em conta as origens das formações acadêmicas e das atuações profissionais, somam mais de vinte instituições.

Desse modo, esperamos que o Dossiê possa abrilhantar os trabalhos já acumulados dos nossos colegas da UNIFESSPA do Campus de Marabá, desejando vida longa ao projeto da revista *Escritas do Tempo*, bem como convidando aos leitores para se deleitarem com a temática, pois, nas palavras do Professor Sidney Chalhoub, cuja entrevista oferecemos um trecho convidativo, “a história pulsa na literatura: não existe uma relação de exterioridade entre uma coisa e outra, e muitos aspectos sociais podem ser investigados por meio da análise de obras ficcionais”. Portanto, acessem a edição e descubram os mundos que suas páginas revelam.

Campus Xinguara, Verão Amazônico de 2021.